

com alguém. Afinal, sugeriu com otimismo, uma casa de saúde não deixa de assemelhar-se a um navio, em cujo bojo as criaturas se interessam umas pelas outras, estendendo-se as mãos.

A serviçal achou graça e escorou-a nos braços para a descida.

Poderia, sim, divertir-se ali. O ambiente lhe faria bem, ao mesmo tempo que lhe seria lícito granjear uma que outra amizade.

Deixada a sós, fitou ansiosamente os rostos que a rodeavam. Figurou-se-lhe estar no seio de vasta família de pessoas, afins pelo coração, mas quase todas desconhecidas entre si, qual acontece num balneário.

Todos os circunstantes acusavam-se na posição de convalescentes, adivinhando-se-lhes, sem dificuldade, os vestígios das enfermidades de que haviam conseguido evadir-se.

Evelina interrogava-se, quanto ao melhor processo de estabelecer contacto com alguém, quando viu um homem, não longe, que a fitava, evidentemente assombrado. Oh! não era aquele cavalheiro, exatamente Ernesto Fantini, o improvisado amigo das termas? O coração bateu-lhe agitado e estendeu, na direção dele, os dois braços, dando-lhe a certeza de que o aguardava, de alma aberta.

Fantini, pois era ele mesmo, ergueu-se da poltrona em que se guardava e avançou para ela, a passos rápidos.

— Evelina!... Dona Evelina!... Estarei realmente vendo a senhora?

— Eu mesma! — respondeu a moça, chorando de alegria.

O recém-chegado não foi estranho à emotividade daquele minuto inesquecível. Lágrimas lhe rolaram no rosto simpático e sisudo, lágrimas que ele buscava enxugar, embaraçado, procurando sorrir.

## 6

### Entendimento fraternal

— Há quantos dias aqui?

— Positivamente, não sei — adiantou Ernesto, denotando fome de conversação.

E completou:

— Tenho matutado bastante naquele nosso entendimento de Pogos de Caldas, acalentando sempre a esperança de revê-la...

— Gentileza de sua parte.

Evelina confidenciou a perplexidade em que vivia. Despertara naquela instituição de saúde que desconhecia de todo, óbviamente transferida de casa por imposição da família, porquanto o único fato de que se recordava com clareza era justamente o desmaio em que descambara no topo de uma crise das piores que havia atravessado.

E salientou, sorrindo, que tivera a impressão de morrer...

Quanto tempo desacordada? Ignorava.

Retomara-se apenas quando viera a si do sono profundo e sem sonhos, ali mesmo, no quarto do terceiro andar.

Desde então, andava intrigada com o mistério que a administração fazia, em torno dela própria, de vez que não obtivera permissão para telefonar ao marido.

Fantini escutava, atencioso, sem articular palavra.

Em derredor, algumas pessoas se mantinham sen-

tadas ou caminhavam com naturalidade, lendo ou palestrando, aqui e ali.

Rosas, miosótis, jasmins, cravinas, begônias e outras flores, sob árvores recordando amendoeiras, ficus e magnólias, embalsamavam o ar, extremamente diáfano, com perfume delicioso.

Alongados os comentários que anotava, curioso, Fantini mostrou estranho brilho no olhar e concordou com Evelina.

Declarou achar-se em brasas. Revelou que também sofrera esquisita fuga de si mesmo, com a diferença de que isso lhe ocorrera, logo após a cirurgia, quando voltava para o leito, segundo acreditava. E registara aquele mesmo fenômeno de retrospecção, a que se reportava a senhora Serpa em seus apontamentos confidenciais, no qual se vira repentinamente devolvido ao pretérito, desde os primeiros momentos de espanto até os dias primeiros da infância...

Depois, dormira pesadamente.

Incapaz de explicar-se, quanto ao tempo exato em que se demorara obtuso, inconsciente, tomara acordo de si próprio naquele nosocomio, dez dias antes.

Conservava, igualmente, a mesma estupefação, perante as normas de serviço ali regulamentadas, porque não conseguira o mínimo contacto com a esposa ou a filha, das quais se despedira na cela hospitalar, horas antes do trabalho operatório a que se submetera.

Achava-se, por isso, inquieto.

Ela, Evelina, experimentara o enigmático desmaio, no círculo doméstico, ao pé dos entes queridos. Ele, porém, deixara a família em meio de agoniada expectativa, sem que lhe fosse facultado qualquer recurso de comunicação com os parentes. Reconhecia que o estabelecimento de saúde a que se abrigava agora não era o mesmo onde se internara para o tratamento. Chegava a duvidar de que estivesse realmente em São Paulo.

O firmamento parecia-lhe um tanto diverso à noite e a piscina de que se servira continha água tenuíssima, embora fosse compreensível tivesse aquela casa filtros e engenhos especiais para a medicação da água comum.

E Ernesto acabou o relatório, indagando:

— A senhora já foi às termas?

— Ainda não.

— Verificará minha surpresa quando for até lá.

— E admite que irei? — retorcou Evelina com o ar brejeiro de quem se via um tanto mais consolada.

— Perfeitamente. Já ouvi dizer que a hidroterapia aqui é obrigatória.

Fantini sorriu significativamente e enunciou, carregando cada palavra de recôndita inquietação:

— Sabe da hipótese mais razoável? Desconfio de que nos achamos, com autorização de nossos familiares, numa organização psiquiátrica. Nada sei de medicina; no entanto, estou supondo que os problemas da supra-renal nos transtornaram a cabeça. Teremos talvez enlouquecido, entrando pelas raias da absoluta alienação mental e, com certeza, a segregação terá sido a providência aconselhável...

— Porque pensa assim? — voltou a senhora Serpa, muito pálida.

— Dona Evelina...

— Não me chame «dona»... Insisto em que somos amigos e agora mais irmãos...

— Seja — aquiesceu Fantini.

E continuou:

— Evelina, você verá que aparelhos engracados com que nos aplicam raios à cabeça, antes do banho medicinal. E creia que todos os doentes acusam melhoras gradativas. Desde anteontem, quando fui à imersão pela primeira vez, sinto-me mais lúcido e mais leve, sempre mais leve...

— Acaso não se vê em boa posição mental, desde que despertou?

— Não tanto. Afliço por notícias dos meus, voltei a sentir agudas crises. Bastava lembrar a mulher e a filha, concomitantemente com a intervenção cirúrgica, e via-me, quase que de imediato, sob asfixia terrível, a desfalecer de sofrimento.

Evelina rememorou a própria experiência, mas slientiou. Sentia-se cada vez mais inquieta.

— Através do cuidado com que as autoridades me respondem às interpelações — estendeu-se Fantini —, entendo que se esforçam por manter-nos em harmonia e tranquilidade. Admito que teremos passado por algum trauma psíquico e que nos achamos presentemente na reconquista do próprio equilíbrio, o que vamos obtendo, muito a pouco e pouco. Segundo creio, fomos colocados sob terapêutica puramente mental. Ainda ontem, renovei a reclamação de sempre, solicitando comunicação com meu pessoal e sabe o que a enfermeira de plantão me respondeu perfeitamente senhora de si?

— ?

— «Irmão Fantini, esteja tranquilo. Seus familiares estão informados de sua ausência» «Mas não querem conversar comigo? nem me chamam ao telefone? — indaguei. E a assistente respondeu: «Sua senhora e sua filha sabem que não podem aguardar tão cedo a sua presença em casa». Porque eu recalcitrasse, exigindo providências, a moça declarou: «por enquanto isso é tudo o que lhe posso dizer».

— Que deduz de suas próprias observações?

— Concluo, salvo melhor juízo, que estivemos, claramente sem o sabermos, na condição de alienados mentais — sugeriu Fantini, quase novamente bem-humorado —, e decerto emergimos, agora, com muito vagar das trevas psíquicas para o estado normal de consciência. Os médicos e enfermeiros que nos rodeiam estão

plenamente justificados, quanto ao propósito de resguardar-nos contra quaisquer tipos de preocupação com a vida exterior. O menor vinco de aflição na tela mental de nossas impressões do momento, assim penso, nos traria talvez grande prejuízo às emoções e ideias, qual ocorre a pequena distorção que desfigura a simetria das ondas elétricas.

— E' possível.

Expressiva pausa caiu entre os dois.

Após fundo mergulho no mundo de si mesmo, Ernesto rompeu o intervalo:

— Evelina, quando você entrou na crise terrível de que me fala, ter-se-á confessado antes? que lhe teria dito o sacerdote? recebeu dele quaisquer conselhos?

A interlocutora assustou-se, perante a angústia com que semelhantes inquirições eram moduladas e contraindagou:

— Oh! porquê? porquê, meu amigo? confessei-me antes do desmaio, sempre que pude... mas, porque procura saber? para chasquear?

Fantini, porém, não brincava. Os olhos dele entremostravam indisfarçável mal-estar.

— Não se amofine. Pergunto por perguntar — devaneou ele, tamborilando os dedos da mão esquerda sobre o tripé que se erguia à frente —; numa conjuntura perigosa, qual a que atravessamos, toda a assistência é pouca... Lembrei-me de que você tem uma religião e de que ainda sou um homem sem fé...

Ernesto ainda não rematara de todo a última frase, quando uma jovem, num grupo de três que caminhavam a curta distância, se rojou ao chão, como quem fora súbitamente acometida por violento acesso de histeria, gritando em meio de manifesta agonia mental:

— Não!... Não posso mais!... quero minha casa, quero os meus!... Minha mãe?!... onde está minha mãe? Abram as portas!... Bandoleiros! Quem é bas-

tante corajoso aqui para derrubar comigo estes muros? A polícia!... Chamem a polícia!...

Tratava-se, inquestionavelmente, de um caso de loucura, mas havia tanto sofrimento naquela voz que os circunstantes mais próximos se levantaram, espantadiços.

Uma senhora, irradiando paciência e bondade, exibindo na blusa as insígnias de enfermeira da casa, surgiu de chofre, abriu caminho no grupo de curiosos que começava a adensar-se e inclinou-se, abraçando, maternalmente, a menina revoltada. Sem o mínimo impulso à repreensão, soergueu-a, notificando com inexcedível brandura:

— Filha, quem lhe disse que não voltará a sua casa? que não reverá sua mãe? Nossas portas jazem abertas... Venha comigo!...

— Ah! irmã — suspirou a jovem repentinamente asserenada por aquelas mãos fortes e boas que a enlaçavam —, perdoe-me!... Perdoe-me! Não tenho razão de queixa, mas estou com saudades de minha mãe, sinto falta de casa! Há quanto tempo estou aqui, sem qualquer dos meus? Sei que sou doente, recebendo o benefício da cura, mas porque não tenho notícias?!...

A assistente ouviu calma e apenas prometeu:

— Você as terá...

Passando-lhe, em seguida, o braço carinhoso acima dos ombros, concluiu:

— Por agora, vamos ao repouso!...

A menina, como quem surpreendera na benfeitora alguma recordação do calor materno de que sentia exacerbada carência, encostou a loura cabeça ao peito que lhe era ofertado e retirou-se, soluçando...

Evelina e Ernesto, que haviam acorrido para o auxílio possível, contemplaram o quadro, entre aflitos e magoados.

Em ambos, a sede de esclarecimento.

Que ilação recolher da súplica chorosa da doentinha atribulada pela ausência no ninho doméstico? que hospital era aquele? um pronto-socorro para alienados mentais? um nosocômio destinado à recuperação de desmemoriados?

Num impulso de curiosidade que não mais pôde sopitar, abeirou-se Evelina de uma senhora simpática que acompanhara a cena, denotando aguda atenção, e cujos cabelos grisalhos lhe recordavam a cabeleira materna, e assuntou com discrição:

— Desculpe-me, senhora. Não nos conhecemos, mas a aflição em comum nos torna familiares uns aos outros. A senhora pode dar alguma informação, acerca da pobre menina perturbada?

— Eu? eu? — redarguiu a interpelada.

E advertiu:

— Minha filha, eu aqui, praticamente, não sei da vida de ninguém.

— Mas escute, por favor. Sabe onde estamos? em que instituto?

A matrona achegou-se mais para perto de Evelina que, a seu turno, recuou para junto de Fantini, e cochichou:

— A senhora não sabe?

Ante o assombro indisfarçável da senhora Serpa, dirigiu o olhar penetrante para Ernesto e aduziu:

— E o senhor?

— Nada sabemos — comunicou Fantini, cortês.

— Pois alguém já me disse que estamos todos mortos, que já não somos habitantes da Terra...

Fantini sacou o lenço do bolso para enxugar o suor que passou a escorrer-lhe abundantemente da testa, enquanto Evelina cambaleou, prestes a desfalecer.

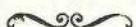
A desconhecida estendeu os braços à companheira e recomendou, preocupada:

— Minha filha, contenha-se. Temos aqui dura dis-

ciplina. Se mostrar qualquer sinal de fraqueza ou rebeldia, não sei quando voltará a este pátio...

— Repousemos — interveio Ernesto.

E dando o braço a Evelina, ao passo que a dama prestativa ajudava a escorá-la, rumaram os três para largo assento próximo, sob grande ficus, onde passaram a descansar.



## Informações de Alzira

— Conversemos — convidou a nova amiga.

Receosa, ante os serviços de vigilância, manifestava a intenção de despistar. Dispunha-se a todo custo demonstrar naturalidade, temendo que alguém pudesse haver assinalado o choque da companheira.

Fantini compreendeu e esmerou-se a coadjuvá-la.

Pretendendo ignorar a lividez com que a senhora Serpa os ouvia, fez as apresentações com aparente serenidade.

— Sou Alzira Campos — identificou-se a matrona, recém-chegada ao grupo —, e moro em São Paulo.

Deu o endereço, reportou-se à família, caracterizou o bairro em que residia e adiantou:

— Desde que caí em casa, trouxeram-me desacordada para este hospital e, pelas contas que faço, há quase dois meses espero alta.

Estabeleceu-se o diálogo entre ela e Ernesto, enquanto Evelina se reassentava, lentamente.

— A senhora já se sente restabelecida?

— Completamente.

— Já travou relações com alguma autoridade que lhe possa orientar com indicações precisas, quanto ao futuro?

— Sim. A irmã Letícia, que me assistiu, de início, nos banhos medicinais, avisou-me anteontem que não